



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Secretaria Geral Parlamentar
Secretaria de Documentação
Equipe de Documentação do Legislativo

JUSTIFICATIVA - PL 0805/2017

O bairro do Bixiga guarda características singulares de um bairro histórico, construído a muitas vidas e culturas (de povos originários, quilombo, à migrantes, imigrantes e mais recentemente, pela chegada de refugiados), destacando-se como um território cultural plural, fértil pelas misturas entre povos, línguas, histórias, culturas, culinária, artes - que evidenciam a força histórica de um bairro formado por modos de existir que resistem: aos processos de verticalização urbana de São Paulo; ao avanço da especulação imobiliária sem precedentes; à imposição de modos de viver dentro dos grandes centros urbanos massacrados pelo planejamento urbano hierárquico.

Desse arbitrário processo de urbanização de São Paulo - com uma verticalização imposta, sem incorporar as características culturais e geográficas de cada região - o bairro do Bixiga herdou um deserto de pelo menos onze mil metros quadrados, fabricado pelo mercado imobiliário - o terreno entre as ruas Jaceguai, Abolição, Japurá e Santo Amaro, e que nas últimas 4 décadas é protagonista de uma vontade coletiva de transformar-se numa área pública, com programa cultural, o Parque do Bixiga. Trata-se da destinação justa de um terreno situado na área central da cidade e que, pelo contexto geográfico, histórico e cultural tem potencial de rever criticamente o processo de urbanização em andamento em São Paulo, e reinventar a relação cidade/natureza, movimento já discutido e praticado, há muito, internacionalmente, mas visto como política pública dispensável nos grandes centros urbanos do Brasil.

Um terreno localizado no coração do bairro do Bixiga, centro-periférico de São Paulo. Um bairro que, por todo histórico de formação, ocupação e intervenções de políticas públicas de âmbito desenvolvimentistas - voltadas principalmente para carros, é hoje o' mais adensado da cidade e, paradoxalmente, o bairro com o menor número de espaços públicos, áreas de lazer e áreas verdes.

O bixiga surge da mistura heterogênea dos povos originários; dos negros fugidios que instalaram numa São Paulo colonial, às margens do Rio Saracura, um quilombo; dos imigrantes italianos Calabreses que lotearam a chácara do Bixiga nos fins do sec. XIX, eixo de ligação entre o triângulo colonial com o novo centro dos barões do café nos altos do espigão da Avenida Paulista, enfrentando um terreno de topografia complexa formada entre diferenças de cotas e vales dos três rios que o compõem: o Rio Saracura, o Itooró e o Córrego do Bixiga, ambos desaguando no Anhangabaú.

DAS MISTURAS: um bairro multicultural

Italianos que trouxeram suas artes, ofícios e seu saberes. Que construíram um bairro térreo, de sobrados com dois pavimentos e porões, em lotes tipo "linguiça", estreitos e compridos. Que transformaram suas casas em pequenos comércios, criando um bairro onde a vida se desenvolve a pé, onde os trabalhadores não precisam fazer grandes deslocamentos para chegarem em seus locais de trabalho. Migrantes nordestinos, vindos em busca de melhores condições de vida, que trouxeram suas mercearias, casas do norte, seus restaurantes, seus forrós. Grupos teatrais que se instalaram ali no fim da década de 40 impulsionados pela criação da primeira companhia moderna do teatro nacional, localizada na Rua Major Diogo, o Teatro Brasileiro de Comédia, TBC, criando o bairro com maior concentração de teatros da cidade. Berço do samba de Adoniran Barbosa, da Escola de Samba Vai Vai, das cantinas italianas, dos terreiros de candomblé, das igrejas católicas, da Vila Itooró com sua piscina pública - a primeira da cidade.

E atualmente, os imigrantes haitianos e africanos, que harmonicamente se misturam ao cotidiano trazendo novas cores, sabores, ritmos, na composição de um bairro de forte vocação cultural, Bixiga Território de todas as Artes e da manifestação de todo Poder Humano.

PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL

Não à toa o Bixiga possui hoje mais de 900 imóveis tombados, correspondendo a pelo menos 1/3 de todo o patrimônio cultural protegido da cidade de São Paulo, sendo o bairro todo, a nível municipal, protegido pela Lei nº 10.236, de 16 de dezembro de 1986, revisada e atualizada em 2001 e 2002, cujo texto ratifica os motivos de sua proteção nos âmbitos histórico, artístico, arqueológico, turístico, ecológico, humano:

"Considerando a importância histórica e urbanística do bairro da Bela Vista na estruturação da cidade de São Paulo, como sendo um dos poucos bairros paulistanos que ainda guardam inalteradas as características originais do seu traçado urbano e parcelamento do solo;

Considerando a existência de elementos estruturadores do ambiente urbano, como ruas, praças, escadarias; largos, etc., com interesse de preservação seja pelo seu valor cultural, ambiental, afetivo e/ou turístico;

Considerando a permanência da conformação geomorfológica original nas áreas da Grota, do Morro dos Ingleses e da Vila Itororó, cuja preservação proporciona a compreensão de como se deu a estruturação urbana do bairro;

Considerando o grande número de edificações de inegável valor histórico, arquitetônico, ambiental e afetivo, muitas delas remanescentes da ocupação original do bairro, iniciada no final do século XIX ;

Considerando a ocupação atual do bairro caracterizada pela mescla dos usos residencial, cultural, comercial e de serviços especializados;

Considerando a vocação do bairro e o seu grande potencial turístico de âmbito nacional;

Considerando a população residente na Bela Vista, cuja permanência e ampliação é fundamental para a manutenção da identidade do bairro;

Considerando futuras propostas de renovação urbana visando promover a melhoria das condições de uso e ocupação do bairro da Bela Vista em harmonia com o presente instrumento de preservação."

IMPACTOS DE UMA URBANIZAÇÃO PRECÁRIA

O bairro do Bixiga é também um território atravessado por viadutos e elevados, que chegaram como parte das políticas desenvolvimentistas e rasgaram seu traçado urbano causando fissuras destrutivas no tecido, como a Ligação Leste-Oeste, o Viaduto Júlio de Mesquita Filho, o Elevado da 14 Bis, o Terminal Bandeira.

O terreno de 10.823,06 m² localizado entre as ruas Jaceguai, Abolição, Japurá e Santo Amaro, no miolo desse bairro protegido, tem como área envoltória 47 imóveis tombados a nível municipal, 5 a nível estadual e 3 a nível federal. É o último chão de terra livre no centro de São Paulo, onde devido à suas dimensões e especificidades topográficas (o vale do Córrego do Bixiga, rio vivo que cruza transversalmente todo o terreno), se pode ter uma visão 180º da cúpula terrestre, com vista para o céu. O terreno é um exemplar muito expressivo da geomorfologia acidentada que marca profundamente a história do bairro, e manter a integridade de sua geografia é de extrema importância, pois ainda é um dos poucos lugares de onde se pode ter o referencial topográfico da região.

O Bixiga precisa de mais espaços públicos em que seja fomentada a convivência entre as pessoas e a natureza como fórmula infalível de criação cultural e esse terreno é a oportunidade última para a criação desse espaço, o Parque do Bixiga, um projeto indissociado de um programa que abrigue as policulturas que se inter relacionam num sentido sustentável de formação humana através do reflorestamento cultural.

IMPACTO POSITIVO NO BAIRRO/ CIDADE

Concretizar o Parque do Bixiga é questão de saúde pública neste bairro mais adensado da cidade. São 69.460 habitantes em 2,6km², uma taxa de 26.715 hab/km², 1 pessoa a cada 26m², de acordo com o censo de 2010, cuja estimativa era para 2015 chegar ao 72.000 habitantes.

Toda essa população está abrigada em aproximadamente 32.000 domicílios e conta com apenas uma área pública verde, projetada como praça, a Praça Dom Orione.

A subprefeitura da Sé possui hoje o indicador de área verde de 2,45 m²/hab e esta região ocupa o pior número dentro desse perímetro, o Bixiga tem a menor taxa de área verde por habitante.

O reflorestamento do parque por meio do resgate da memória da vegetação originária de São Paulo, sobretudo da região do Bixiga, é previsto também como forma de amortizar o impacto de ruídos, trazendo melhorias acústicas e climáticas, fundamental para a população de um bairro predominantemente de casas e que sofre o resultado das construções viárias massivas do fim da década de 60. O Bixiga, além da Mata Atlântica, sobejava a flora do cerrado brasileiro, frondosas Araucárias, e uma extensão de árvores de Cambuci. A fauna de inúmeros animais silvestres desapareceu, fora os pássaros que teimam em polinizar os remanescentes de vegetação do parque com os demais dispersos pelo bairro, atuando na permanência de um ecossistema que desapareceu.

A criação de um local onde os moradores possam ver, ouvir, estar, criar, praticar seus corpos em atividades físicas conjuntas, um lugar de encontros com o outro e com a natureza, onde a iluminação, insolação e aeração criarão um espaço de bem estar social, se faz fundamental. Entender a implantação do Parque do Bixiga na matriz de um projeto e uma gestão em completa sintonia com a população é corresponder à origem de sua existência como uma reivindicação pelo Direito à Cidade, e particularmente, a salvaguarda dessa porção de terra como objeto de Saúde Pública.

Nos arredores do Parque do Bixiga existem ainda diversas EMEIS, creches e escolas públicas e privadas, companhias de teatro e escolas de samba, que certamente virão usufruir desse espaço como laboratório de práticas públicas concernentes ao repensar a relação com a terra, com o meio ambiente, com a alimentação, com a cidade e com a sociedade.

"Cada país tem sua maneira própria de encarar não somente a arquitetura, mas também todas as formas da vida humana. Eu acredito numa solidariedade internacional, num concerto de todas as vozes particulares. Agora, é um contrassenso se pensar numa linguagem comum aos povos se cada um não aprofunda suas raízes, que são diferentes. A realidade à beira do São Francisco não é a mesma que à beira do Tietê... Essa realidade é tão importante como a realidade da qual saiu Alvar Aalto ou as tradições japonesas. Não no sentido folclórico, mas no sentido estrutural." Lina Bo Bardi

IMPLANTAÇÃO

O Parque do Bixiga vem sendo experimentado desde o ano de 2010 quando o proprietário do terreno passou a ceder o uso da área por contrato de comodato à Associação Teatro Oficina Uzyna Uzona, e como consequência, ao público das peças e moradores do bairro. Destes ensaios temporários descobriu-se, como etapa fundamental do projeto, o uso do espaço - mesmo que de forma improvisada, com recursos mínimos e baixo orçamento - como plano diretor do projeto mais permanente, mesmo que este último também esteja sujeito a inevitáveis transformações. Desta prática se descobre que o parque só passará a existir e cumprir sua função pública, como um projeto construído coletiva e gradualmente.

O que distingue a natureza deste parque com programa cultural, de um parque voltado unicamente para a fruição de áreas arborizadas é a proposta de um conselho propositivo de atividades ligadas à arte. Um conselho curador que privilegie as práticas coletivas, em detrimento das iniciativas individuais.

Lugar de transmissão de conhecimento, o Parque do Bixiga se estrutura através de um programa público abrangente confluindo educação, saúde e ecologia, concebido à partir da contribuição de um bairro marcado pela diversidade, tornando-se assim um lugar onde se pratica a mistura das faixas etárias, das classes sociais, dos comportamentos e se cultivam as biodiversidades naturais e sociais. O convívio entre as pessoas e sua inevitável contribuição para a construção de uma cidade mais pública e voltada para o interesse comum.

No que concerne às diretrizes projetuais para o parque, a concepção do programa e desenho toma partido da geomorfologia do bairro, categoria tombada pelo Conpresp. O terreno em questão forma-se no, fundo do vale do Ribeirão do Bixiga, que pela proximidade com a nascente oferta água limpa, e tendo recuperado, seu leito, será reaberto pela sua dimensão simbólica, pelo seu valor ambiental, pela sua potência agregadora e pela alegria que a água propicia aos corpos.

O parque propriamente dito se implanta como infraestrutura térrea, cobertura vegetal que abre caminho a um térreo livre em todo o quarteirão, sem hierarquia de acessos, com a possibilidade de transposição acessível por toda sua extensão, alternando áreas densamente arborizadas, com vegetação mais rarefeita. Esta infraestrutura verde tem a função de abrigar e organizar o programa cultural e não é projetada como paisagismo para fruição estética, mas como laboratório vivo para produção de conhecimento, de práticas botânicas, agricultura, através de hortas, pomares, viveiros e as demais ciências da terra.

Na confluência das ruas Jaceguai, Abolição, Santo Amaro e Japurá um delta se forma naturalmente e é ali que a proposta já bem projetada pelos arquitetos Lina Bo Bardi e Edson Elyto, de um Teatro de Estádio, se acomoda, tirando partido da topografia de desnível de quase dez metros, adequada para receber a audiência de um público heterogêneo de pelo menos duas mil pessoas. Uma área ampla, com arquibancadas em gabião, portanto permeável, para receber um programa diverso de shows abertos, feiras populares, bailes, ensaios de escolas de samba, festivais multiétnicos, esportes interculturais e populares. A maioria das atividades a céu aberto desfrutando da ampla linha do horizonte ofertada por esta região.

Clareiras em meio aos maciços verdes serão mantidas para implantação provisória de arenas de circo, instalações temporárias para exposições, o refeitório público e feiras culinárias, servindo em suas mesas coletivas o resultado da formação e transmissão dos saberes da comida popular e erudita, e outras atividades itinerantes.

A permeabilidade vital para um terreno no epicentro de uma cidade encapada pelo concreto, será conseguida por áreas de distintas matérias permeáveis, a terra batida, a grama pisável, o saibro, destinados às atividades desportivas e ao convívio incentivado por generosos bancos coletivos, redários, mobiliários tendendo ao uso compartilhado.

A área edificada de baixo gabarito abrigará o programa mais reservado, mas nem por isso alienado do todo do parque: ateliês de criação bem distribuídos para propiciar a transdisciplinaridade, implantados em áreas adequadas para cada prática, selecionadas na perspectiva da formação de um parque para todas as artes e atividades desportivas, que ponham o corpo em cena. Em se tratando de uma área localizada no nascedouro do teatro moderno brasileiro, o parque prevê a criação urgente e necessária de um centro de memória do teatro, com acervo de papel, digital, de acesso público.

O Parque do Bixiga além de compor com generosidade a paisagem de um território protegido pelo seu valor urbanístico, contribui para revelá-lo, sobretudo a expressiva arquitetura do Teatro Oficina, que instalado no terreno, torna-se equipamento cultural integrado ao parque, amplificando o valor arquitetônico e a vida cultural desta grande área pública.

O terreno do Parque do Bixiga poderá se agregar num projeto futuro, aos outros terrenos públicos, mas ainda sem destinação pública sob a projeção dos baixos do viaduto Júlio de Mesquita Filho, de forma justa a compensar o trauma urbano que foi a construção deste viaduto, propiciando a ligação destes vazios através de áreas verdes e dos equipamentos públicos e culturais que formam o conjunto arquitetônico e urbano deste território central: Vila Ipororó, Teatro Oficina, Casa de Dona Yayá, Teatro Brasileiro de Comédia, Praça Roosevelt e Parque Augusta, abrindo caminho à uma urgente mudança de trajetória no destino da cidade de São Paulo, tendo a Cultura como sujeito desta metamorfose.

Pelo exposto peço aos nobres pares a aprovação desta propositura.

Este texto não substitui o publicado no Diário Oficial da Cidade em 24/11/2017, p. 96-7

Para informações sobre o projeto referente a este documento, visite o site www.camara.sp.gov.br.